

João Saldanha

Sr Bernardo Cabral

Bom dia.

Não, não é assim. Seria: peço a palavra, pela ordem. Mas se o senhor disser: "Nobre amigo, não há desordem", eu vou embasbacar e aí fica difícil. Então, um simples peço a palavra. Seguinte: o que estamos expondo e propondo não é idéia pessoal. É o resultado de estudos e consultas a quase todos os colegas. Resultado de duas extensas e enormes discussões. A primeira na memorável reunião de Piracicaba, há poucos dias, onde a crônica de São Paulo, representada por seus expoentes, se juntou para estabelecer um consenso das coisas e causas que afligem nosso futebol e nossos esportes básicos. Como o nobre deputado sabe, estamos muito mal no contexto mundial dos esportes olímpicos. Em mais de 50 anos, apenas duas medalhas de ouro conquistadas nas pistas. Deveríamos ter obtido pelo menos umas 50, de acordo com nosso desenvolvimento histórico.

No futebol, o esporte mais popular, alcançamos notável êxito. Mas estamos definhando aceleradamente. Dos 11 jogadores que nos representaram no último mundial do México, 10 estão fora do Brasil. Somente em Portugal, uma das mais fracas potências européias em futebol, lá estão cerca de 90 jovens e bons jogadores brasileiros. E diariamente abrimos os jornais que estão anunciando a ida de outro e mais outro. Se existisse, o poeta Raimundo Correia nãoalaria das pombas que se foram de seu pombal e sim dos jogadores brasileiros que se foram mundo afora.

Como em vários outros setores da vida de nosso país, também em futebol regredimos. Os campos de jogo se acabando e os clubes empobrecendo. Alguns venderam tudo: jogadores, campo, balizas e todo o patrimônio. É muito triste o quadro das perspectivas imediatas.

Como Vossa Excelência bem o sabe, porque é um homem público, por toda parte o perigo de morte ronda nossos principais clubes populares. Em seu Estado, o tradicional Rio Negro é o atual campeão mas num sucessivo abre e fecha. Do Nacional, o Naça, confessou que não tenho ouvido falar muito. Mau sinal. E o Fast, o Nacional Fast Clube, de camisa azul mas com faixa vermelha, até parece que sumiu nas profundezas do Solimões. E por que, se foram sempre agremiações protegidas pelo esforço e o bafejo de seus torcedores e sócios? Este exemplo é de seu próprio Estado natal. Se estivesse



falando da Bahia, estaria lhe contando uma triste história do enfraquecimento de importantes agremiações como o Galícia, Ipiranga, Botafogo, Fluminense de Feira e muitos muitos outros.

Vou de Estado em Estado amontoando caixões funerários que enterraram muitos de nossos grandes clubes. Como se sabe exaustivamente, tudo se deve à inoportuna e até cruel entrada do Poder público nos esportes. A primeira durou pouco, embora a legislação perdure até hoje. É o decreto 3.199 de 1941. Foi alterado e modificado, mas sempre piorando. Depois tivemos a lei básica de 1967, de Castelo, e a de Geisel em 1975. E cada vez mais gente indo embora. E agora também já são jogadores de basquete e até atletas das pistas, como Joaquim Cruz, Robson Caetano, Agberto e outros.

A evolução de qualquer esporte vem do exemplo vivo do craque, do ídolo da garotada, nas pistas, nas quadras e nos campos. O Poder entrou em cima, partidariamente e tentando se fortalecer e proteger amigos e parentes. Inversamente, fez nosso esporte, com base tradicional e firme nos clubes particulares, vir percorrendo tortuoso e perigoso caminho que nos está levando à falência esportiva. Vimos de assistir à benfazeja rebeldia de 13 grandes clubes que, imprevistos e espremidos, tiveram de virar a mesa para uma tentativa de sobrevivência.

E não se iluda, senhor deputado relator da Comissão de Sistematização da Constituinte. Não se iluda, porque outras viradas de mesa acontecerão, cada vez mais perigosas e até grotescas. Trata-se dos grandes clubes brasileiros, que representam 98% da torcida nacional e pretendem se desenvolver e crescer a ponto de retornarmos à reconquista de glórias recentes, mas que nos fogem e se distanciam cada vez mais.

Nosso futebol e outros esportes estão envelhecendo e afundando sob o peso de leis retrógradas e de tentativas de proselitismo primário. Não nos obriguem a desrespeitar leis inócuas. Os cronistas dos principais veículos de São Paulo e do Rio, reunidos em suas associações de classe, propõem solenemente que os esportes brasileiros voltem fundamentalmente às entidades privadas, sem a tutela do governo. Neste sentido, propomos que faça parte de nossa sétima Constituição, com emenda substitutiva ao Artigo 245, no substitutivo o seguinte: "O desporto será livremente organizado pelos clubes e entidades". Mais nada. Simples, não meu nobre deputado? Pedimos destaque, vênias e urgência preferencial. É assim a prática parlamentar? Se for, muito obrigado.

P.S. Rogamos a qualquer dos assessores ou entes próximos ao deputado levar esta proposta dos jornalistas cariocas e paulistas às suas mãos.